

UMA VIDA FRONTEIRIÇA ENTRE VIVER E PERFORMAR. ESTUDO DE CASO DA PERFORMER SUCIA INFECCIOSA INMUNDA

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2023.203166

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-4205-6788>

DOSSIÊ MUNDOS EM PERFORMANCE: NAPEDRA
20 ANOS

CRISTIANE DE ALMEIDA SANTOS

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05580-000 –
ppgac@usp.br

UMA VIDA FRONTEIRIÇA.

Dou início a este artigo com uma nota pessoal de pesar. Ela exerce o peso da memória, da revolta, da tristeza e, ao mesmo tempo, da felicidade, da gratidão e do orgulho, pesa aqui toneladas em poucas palavras.

Falo de uma vida fronteiriça, Sucia é fronteira. Na História, a fronteira não é local de separação ou barreira, ao contrário, é local de encontro e trocas.

Além de viver na fronteira entre Brasil e Paraguai, ela foi fronteira vida e arte. A performer que vos apresento não se faz mais presente de forma carnal. Este texto é sobre alguém que possui afeto e que por isso, talvez, escrevo escrachando a falta de neutralidade que se espera de uma escrita. Sucia presente!

Em memória de Sucia Infeciosa Inmunda.

A primeira vez que vi Sucia foi em 2013 na ocasião da visita do Papa Bento XVI ao Brasil, na Jornada Mundial

da Juventude. Eu estava entre os milhões de fiéis que se reuniram no Rio de Janeiro para receber o líder católico, não estava inserida no meio artístico e essa foi a primeira performance que assisti na vida, foi assim que Sucia me chocou pela primeira vez. Sobressalto, um corpo performando o masculino e criando um contraponto de gênero, andando nas ruas de salto alto em afronta a um evento religioso sagrado.

FIGURA 1
Circuito
“Sobressalto”
Copacabana, na
Jornada Mundial
da Juventude em
2013. Na foto de
salto e bermuda
cinza, Sucia Imunda
DeLabassura e de
salto, bermuda
vermelha e
cachimbo Nizael
Almeida.¹



Mal sabia eu que Sucia me chocaria outras vezes e seria parte da minha vida, desde as performances nos corredores de uma faculdade do interior do interior do Brasil, em rodas de conversas, em reflexões noturnas antes de dormir: “Por quê?”, “Pra que fazer isso?”, “Qual a finalidade?”, “Andar com corpo nu nos corredores da faculdade não é falta de ética?”.

Posso dizer que Sucia foi pioneira da Performance no curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), situada no interior de um estado predominantemente agrário, Mato Grosso do Sul. O curso de Artes Cênicas era relativamente novo, Sucia era da terceira turma de Artes Cênicas, eu da quarta, e como muitos pioneiros Sucia não era compreendida, virou notícia, chacota, mas não parou de performar, inclusive, seu nome faz parte da performance da vida, Sucia Infecciosa Imunda,

1. Fotografia disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18ClkK_hN-k5g8vEVVEh-vme80KB8hYnOa/view?usp=sharing>. Acesso em: 30 jan. 2023.

traduzido do espanhol, Suja Infecciosa Imunda. Por vezes ela gostava de ser chamada de Sucia Inmunda DeLabassura. A escolha do DeLabassura é um trocadilho com o que é conhecido em algumas igrejas cristãs como oração em línguas ou língua dos anjos, cujo som das orações feitas com palavras incompreensíveis ressona algo parecido com “orincanta labassura”, *La basura*, do espanhol, o lixo. Logo, quando um cristão orava em línguas estaria clamando por Sucia, o que poderia ser considerado como uma afronta aos cristãos e exatamente isso que Sucia foi, uma afronta, sobretudo, quando assumiu uma *corpa* trans.

A performance tem dessas coisas, essa disposição de criar mal-estar ou despertar o mal olhar do público. Este, por sua vez, é um elemento ativo na performance e no caso do circuito “Sobressalto”, o objetivo de Sucia era registrar os olhares das pessoas que transitavam pelos centros das cidades, sobretudo, no interior de Mato Grosso do Sul, lugar em que Sucia era “monstrificada”. Segundo Inmunda:

Sempre fui bem renegada dentro dos processos, pensando nesse role, como “monstrificada”, no interior, das pessoas andarem com a arma no bolso, na caminhoneta, então, quando eu fazia esses roles na rua era sempre esse olhar de “monstrificação” mesmo, de “exotificação”, de desejos sexuais, nada mais. (#21 Sucia, 2020).

O trecho da entrevista de Sucia foi retirado de um conjunto de vídeos organizados pela artista Vulcanica Pokaropa, na série “Desaquienda”²

Nele Sucia fala sobre seu trabalho voltado à questão de gênero e levanta a discussão da impossibilidade de atingir o objetivo da performance “Sobressalto”, afinal, quase sempre o registro dos olhares era feito por uma pessoa cis, então, como essa pessoa poderia captar os olhares estranhos que muitas vezes só uma travesti consegue identificar? É, nesse ponto, que ela destaca que suas performances colidiam com a invisibilidade produzida pelo sistema capitalista cis-hétero-normativo, até mesmo no processo de produção. Sucia foi a primeira pessoa trans que conheci e era a única no curso, suas performances eram filmadas, assistidas e debatidas por pessoas cisgêneros, em outras palavras, eram quase sempre desvalidadas ou incompreendidas.

O resultado das filmagens frustrava Sucia, seu objetivo era captar olhares, ela atraía a atenção, contudo, a câmera não era capaz de identificar o que uma pessoa trans sente, a *performer* dizia que uma pessoa cisgênero, por

2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SEaMC8ZCQug&t=11s>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

mais atenta que esteja, não saberia o momento certo de filmar, de captar a tensão, a repulsa ou ódio, enquanto Sucia vivia a performance, o operador de câmera fazia poesia. Então por que a insistência em apresentar “Sobressaltos”? Afinal, esses registros eram interpretações cis sobre as produções e vidas trans. É nesse ponto que se destaca o contraditório da performance e sua potência de subjetividade e interpretação. O que compreendo de “sobressalto” é minha impossibilidade de sentir o que Sucia viveu, sendo eu uma pessoa cisgênero, posso até captar os olhares estranhos, mas jamais estarei no local de quem é olhada. Do mesmo modo, neste texto performo quem segura a câmera e cada leitor fará sua leitura das mesmas palavras.

Tania Alice, em seu texto *Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos*, destaca a performance como uma linguagem “que quebra com a lógica de sistemas imediatamente decifráveis e interpretáveis” (Alice, 2014, p. 35). Logo, não se torna profícuo entender de forma pontual a performance “Sobressalto” e sim ser por ela afetados. Fui imediatamente afetada quando, enquanto adolescente no auge de minha devoção religiosa, observei uma figura masculina de salto alto, minha reação foi de indignação e tristeza, me senti triste por Sucia sem saber que talvez ela também sentia o mesmo por mim.

Apesar de ser “Sobressalto” a ação performativa que pontuo neste artigo, ela não prefigura a vida fronteira a qual me refiro no início da discussão. A vida fronteira é Sucia em sua plenitude.

Infecciosa era, a primeiro momento, indecifrável assim como suas ações performativas. Nesse sentido, peço que saia do ambiente desta leitura e pense em Sucia Infecciosa Inmunda, crie uma personalidade para LaBassura.

*

Fora de cena ela era doce, gentil, tinha a maior paciência do mundo, dialogava com todos de maneira compreensiva, apesar de ser constantemente afetada pela falta de conhecimento da sociedade sul mato-grossense sobre transexualidade, sua postura era de diálogo e troca. Para muitos não é esse tipo de comportamento que se espera de uma pessoa com a aparência de Sucia ou de alguém que escolhe a podridão do lixo para chamar de nome. Ela foi contradição do início ao fim, a fronteira entre vida e arte.

Para Alice, a linguagem performativa pode estar ligada ao movimento de desejo por mudança, “gerando consciência política e fomentando desejos de transformação social” (Alice 2014, p. 39), nesse sentido, tais performances dialogam com o termo recente ativismo. Parte das performances que

tratam de questões de gênero e LGBTQIA+ estão inseridas num movimento ativista que busca transformação social sem ter uma cartilha explicativa ou discurso pedagógico. Citando o alemão Gumbrecht, a autora diz que “essas linguagens se apresentem como uma produção de presença, muito mais do que como uma produção de sentido” (Alice 2014, p. 40) e, ainda, produz afetos e presença.

Sucia era a presença daquilo que rompia com um funcionamento social tradicionalmente estabelecido diante do contexto em que estava inserida numa cidade conservadora do interior do interior. Talvez para quem vive em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, ou outras cidades cosmopolitas mundo afora, o que digo não possa ser completamente compreendido. Sucia corrompia mesmo no corredor do teatro em que presenças das mais diversas se faziam presente, Sucia destoava. Lembro de uma conversa em que ela narra que ao pisar no corredor da Universidade depois de formada e performando uma *corpa* trans, uma de suas ex-professoras disse “O que você está fazendo aqui?”, respondeu “A faculdade não é pública?”. Na ocasião Sucia entendeu que ex-alunos continuam frequentando o campus de suas Universidades, contudo, quando era sua vez as pessoas estranhavam e não conseguiam, ao menos, disfarçar a curiosidade “será que ela irá ficar nua novamente?”, era como se Sucia fosse reduzida a suas performances “bizarras”, ao menos era essa sensação que ela transmitia em seus desabafos cansados do misto de repulsa e expectativa que os outros sentiam dela. Aliás, esse é um termo para pontuar quando se fala em gênero e performance, quem está na fronteira é sempre visto como o *outro*, aquele que não faz parte, aquilo que é estranho, curioso e ao mesmo tempo repulsivo.

A presença de Sucia era sempre um evento, às vezes, ela levava o salto e fita crepe e todos ficavam sobressaltos com as piruetas circenses, com caras infeciosas, e sons que emitia. Em todas as performances Sucia parecia dizer, “Eu existo”, “Estou aqui”, e nesses dois anos sem ela, sempre escuto “Sucia Presente” em encontros com artistas do Brasil e mundo.

Assim, torna-se claro que Sucia não precisava fazer “Sobressalto” para estar em evidência, sua vida era uma performance e de forma irônica, na ocasião de sua morte, uma moradora da região de Campo Grande – MS, a reconheceu justamente por conta do seu sapato de salto alto³, segundo relatos da vizinhança, ela sempre caminhava pela região com os saltos.

3. Trecho retirado da reportagem jornalística e conforme consta no laudo da polícia. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/mulher-trans-encontrada-em-arvore-tinha-28-anos-e-era-formada-em-artes-cenicas?fbclid=IwAR0KwEmA-rlx-GeM03oqwZtliGu_Oh8N0iOhXVw7rjRCW3o-cdOUBRuRfNRU>. Acesso em: 01 out. 2022.



FIGURA 2
Sucia em
exposição na Feira
Ecológica em
Dourados – MS⁴

Finalizo esta reflexão com um exercício proposto na (In)disciplina do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (ECA-USP): Des/identidades: performance e constituição de si na cena contemporânea, cujo enunciado era: Elabore uma carta para a primeira memória que surgir em sua mente.

CARTA AO MUNDO, AOS MEUS AMIGOS E A MIM

Assisto “Beijo do Samuca”, performance de Sucia, ainda enquanto performava um corpo masculino.

Chocante.

Uma colega psicanalista disse: “isso não é apenas uma performance, é um pedido de socorro, tem pensamentos suicidas, ele vai se matar”. Essas palavras me marcaram por um tempo.

Esse episódio sumiu junto com aquele performer que foi morar em Assunção no Paraguai e quando retorna era Sucia Imunda DeLabussura ou Sucia Infecciosa Inmunda.

Retornou a mesma, doce e com uma arte/arma potente e violenta, performava em todos os lugares. Na Festa Junina de interior, lá estava ela

4. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ClKh6ajlVeDZ6ohfpFUH-lu5DnFjNOFa/view?usp=share_link> Acesso em: 30 jan. 2023.

no chão gritando contra a cis normatividade, no festival chamado “Pussy Day” (dia da vagina), ela se gritou mulher.

Até que não gritou mais.

Sucia concretizou a profecia da psicóloga.

Como Édipo, não fugiu ao seu destino.

Destino?

Ela gritou socorro, ouviram o pedido.

E não fizemos nada.

FIGURA 3
In memoriam
– ilustração
monstrificada
feita por Sucia
deLabussura,
2020⁵



REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Alice, Tania. 2014. Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos. *In Catálogo Nacional do SESC. São Paulo: Editora SEC.*

#21 Sucia Infeciosa Inmunda @ Desaquenda. 2020. 1 vídeo (16 min). Publicado pelo canal Cucetas Produções. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=-SEaMC8ZCQug&t=11s>>. Acesso em 15 jul 2022.

RESUMO

A performance artística é um ato, ou melhor, uma ação que quase sempre respeita um programa performativo pré-concebido que pensa a duração, o local e a execução. Contudo, diversos *performers* extrapolaram o que se entende sobre o programa e vivenciaram ações performativas de longa duração. Mas, e quando a performance e vida se misturam, o que sobra?

5. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/IVGgT-85sZjWFywmOj5_EBSYxQuocYbqJ/view?usp=sharing>. Acesso em: 30 jan. 2023

PALAVRAS-CHAVE:

Performance;
Gênero;
Transexualidade;
Artivismo.

Como podemos identificar o que é vida e o que é performance? Nesse sentido, existem aqueles que experienciam estar na fronteira entre viver e performar, nesse caso, a fronteira não se constitui como barreira ou separação e sim local de encontros, trocas, ao qual não se sabe onde termina um espaço e começa o outro, ou seja, é fronteira como *entrelugar* de fluência da vida. Este artigo trata de Sucia Infecciosa Inmunda, uma pessoa transgênero, *performer* “monstrificada” pela sociedade e que decidiu performar a “monstrificação” como forma de (r)existir.

ABSTRACT

The artistic performance is an act, or rather, an action that almost always respects a pre-conceived performative program that considers duration, location, and execution. However, several performers extrapolate what is understood by program, and experience performative actions for a longer period of time. But when life and performance are blended together, what is left then? How can we identify what is life and what is performance? In that sense, for those who experience being on the border between living and performing, in this case, instead of a limitation or a wall, this border is a place for meetings and exchanges, where you can't tell where one space ends and the other starts, that is, it is the in-between place, where life simply flows. This is an article about Sucia Infecciosa Inmunda, a transgender person, a performer who was “monstrified” by society, and who decided to perform “monstrification” as a way of (r)existing.

KEYWORDS:

Performance;
Genre;
Transsexuality;
Artivismo.

CRISTIANE DE ALMEIDA SANTOS é Mestra em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), formada em História e Artes Cênicas pela UFGD e atualmente é doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP), com pesquisas sobre temáticas feministas no teatro. E-mail: criis.almeida@usp.br.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 01/10/2022

Aprovado em: 10/10/2022